



P.V.P. 5,95 €

preço único colecção BIS

I

Nasci na cidade de Iorque no ano de 1632, originário de uma boa família, mas estrangeira no país. O meu pai, natural de Brema, dedicou-se ao comércio em Hull, onde adquiriu uma fortuna muito confortável. Mais tarde, retirou-se dos negócios e foi viver para Iorque, onde casou com minha mãe, que pertencia à família Robinson, uma das melhores do condado. Daí deriva o meu nome de Robinson Kreutznaer, a seguir transformado por uma corruptela muito corrente em Inglaterra, no de Crusoe, com o qual hoje se chama e se assina a minha família e eu próprio também. Os meus companheiros nunca me chamaram de outro modo.

Tinha dois irmãos mais velhos do que eu: o primeiro, tenente-coronel de um regimento de infantaria inglesa em Flandes, comandado pelo célebre Luckart, foi morto na batalha de Dunquerque, contra os espanhóis. Quanto ao segundo, sempre ignorei o que fora feito dele, e o seu destino ficou um enigma para mim, do mesmo modo que para os meus pais.

Como eu era o terceiro varão da família, e não tinha qualquer profissão, imaginava mil castelos no ar. O meu pai, de idade avançada, havia-me educado convenientemente, quer dando-me ele próprio algumas lições, quer enviando-me para uma escola fora do povoado. O seu intuito era fazer-me estudar leis, mas os meus planos eram muito diferentes. Dominado apenas pela ideia de navegar, resistia

com tal força à vontade paterna, às súplicas de minha mãe e às instâncias dos meus parentes, que parecia existir algo de fatal naquela vocação da natureza que me arrastava para a vida de sofrimentos e misérias que havia de levar.

O meu pai, homem grave e discreto, não demorou a adivinhar os meus projectos, e deu-me excelentes conselhos para eu os abandonar. Uma manhã chamou-me ao seu quarto, onde se encontrava retido por um ataque de gota, e instou-me vivamente para que renunciasse às minhas ideias equívocas.

Rogou-me encarecidamente, com as palavras mais afectuosas, que procedesse com reflexão, sem precipitar-me num acumular de desgraças de que a natureza e a fortuna me haviam eximido. Disse-me que eu não tinha necessidade de ganhar a subsistência; que havia feito planos para me apoiar convenientemente na profissão à qual me destinava; que se não chegasse a arranjar uma situação próspera, seria por culpa minha ou da sorte, que depois de ter cumprido o seu dever, revelando-me os perigos a que me arrastariam as falsas ideias e os loucos empreendimentos, não era responsável por nada; numa palavra: decidido a assegurar a minha sorte se anuísse aos seus desejos, não queria de modo algum contribuir para a minha perdição facilitando-me a partida. Concluindo, recordou-me o exemplo do meu irmão, com o qual havia usado os mesmos argumentos para o dissuadir de entrar no exército de Flandes, onde tinha perecido. Assegurou-me que não deixaria de orar por mim mas, ao mesmo tempo, atreveu-se a prognosticar que se eu desse um passo tão desencaminhado, a maldição do Senhor havia de me cair em cima, e que chegaria o dia em que me arrependeria de não ter dado ouvidos aos seus conselhos, mas isso só quando fosse um desgraçado sem ninguém capaz de me ajudar nessa desgraça.

Sinceramente impressionado com um discurso tão terno, resolvi não mais pensar em viagens e estabelecer-me na minha terra natal, conforme os desejos de meu pai; mas, ai de mim!, este bom propósito passou como um relâmpago: tornei às minhas antigas ideias, e para evitar daí em diante

as que eu julgava serem inoportunidades do meu pai, procurei afastar-me sem sua licença. Apesar de tudo, não levei isso a cabo com tanta precipitação como a que sentia arrastar-me. Um dia em que a minha mãe parecia estar mais alegre do que de costume, disse-lhe, chamando-a à parte, que a minha paixão de ver o mundo era tão irresistível que se me tornava impossível empreender qualquer carreira e levá-la a cabo, e que o meu pai procederia com mais siso se me desse a sua autorização do que obrigando-me a tomá-la. Fiz-lhe ver que devia considerar que eu já tinha dezoito anos, idade muito avançada para começar uma profissão ou uma carreira como a de advogado; que estava certo de que se o fizesse, nunca a terminaria, e que preferiria fugir de casa para embarcar. Acrescentei que se quisesse interceder por mim junto do meu pai e obter dele licença para eu fazer uma viagem por mar, desde já prometia que no regresso, no caso de não me adaptar àquela vida errante, renunciaria a ela e recuperaria o tempo perdido, a partir desse instante, duplicando o meu trabalho.

A minha mãe sentiu-se muito incomodada com estas palavras. Disse-me que seria tempo perdido falar com o meu pai sobre tal assunto; que conhecia bem de mais os meus verdadeiros interesses para dar o seu consentimento a um projecto tão disparatado; que não entendia como é que eu podia pensar em semelhante coisa depois da conversa que tivera com o meu pai e do modo terno e carinhoso com que lhe constava ter-se ele valido para fazer-me desistir, e, em última análise, que se eu queria perder-me não havia remédio para mim; mas que tão-pouco prestaria o seu apoio, quer directa quer indirectamente, não desejando contribuir para a minha ruína, e, finalmente, que nunca poderia dizer-se que a minha mãe aprovara uma coisa que o meu pai tinha repudiado.

Apesar de tão enérgica repulsa, soube depois que havia contado tudo ao meu pai, e que este, invadido pela mais profunda dor, exclamara soltando um suspiro:

– Essa criatura poderia ser ditosa se quisesse ficar em casa; mas será o mais desgraçado dos mortais se se for embora; eu não posso consenti-lo.

Isto ocorreu um ano antes de eu fugir. Entretanto, mantive-me na minha com tenacidade, fechando os ouvidos a todas as propostas que me eram feitas para ficar e estabelecer-me. Discutia frequentemente com os meus pais ao vê-los tão obstinados em contrariar o meu plano, para o qual me arrastava uma vocação decidida. Certo dia, encontrando-me em Hull, onde fora por acaso e sem qualquer intenção, dei com um dos meus amigos que ia partir para Londres num buque do pai. Convidou-me a acompanhá-lo e, para mais me obrigar, atraiu-me com a isca de que vulgarmente se servem os marinheiros, dizendo que a passagem nada me custaria. Além disso, nem sequer me passou pela ideia consultar a família, nem sequer pô-la ao corrente de tal notícia; e sem ter solicitado a bênção dos meus pais nem implorado a protecção do Céu, sem pensar nas circunstâncias e sem temer as consequências, em 1 de Setembro do ano de 1651, dia fatal, Deus bem o sabe!, saltei para bordo de um buque que ia levar carga a Londres. Duvido de que alguma vez haja existido um jovem amante de aventuras cujos infortúnios começassem tão depressa e durassem tanto tempo como os meus. Mal a embarcação havia saído do porto, levantou-se um forte temporal e o mar começou a agitar-se com uma violência espantosa. Como nunca navegara antes, o mal-estar e o terror apoderaram-se do meu corpo e da minha alma, e puseram-me numa angústia difícil de explicar. A partir daquele momento comecei a reflectir muito a sério acerca da minha conduta, e a temer a justiça divina, que castigava em mim um filho folgazão e desobediente.

Daí em diante, todos os bons conselhos dos meus parentes, as lágrimas do meu pai e as súplicas da minha mãe surgiram-me na imaginação, e a minha consciência, que ainda não estava viciada como depois veio a ficar, acusava-me vivamente de ter menosprezado lições tão saudáveis, faltando a todos os deveres para com Deus e para com os meus pais.

Entretanto, o temporal aumentava gradualmente; as ondas revolviavam-se furiosamente cheias de espuma e, embora

aquilo não fosse nada em comparação com o que vi a seguir, e, sobretudo, poucos dias depois, era, mesmo assim, o bastante para fazer estremecer um novel marinheiro, um jovem que, como eu, se sentia pela primeira vez na vida à mercê de tão terrível elemento. Receava desaparecer a todo o instante, e cada vez que o buque se submergia no meio das ondas, julgava ir parar ao fundo do mar para dele não voltar a sair. Durante esta atribulação fiz muitas vezes o voto de que se o Senhor me livrasse de transe tão amargo, e eu pudesse pôr de novo pé em terra firme, não tornaria nunca mais a embarcar e regressaria logo de seguida a casa de meus pais, para deixar-me guiar daí em diante pelos seus conselhos e não me expor outra vez a semelhantes perigos. Vi então claramente como eram justas as suas observações acerca da vida, que doces e agradáveis haviam passado os seus dias não tendo experimentado qualquer borrasca no mar nem desgraça alguma em terra. Resolvido a imitar o arrependimento do filho pródigo, decidi voltar para casa de meus pais.

Estas ideias prudentes e saudáveis duraram o que durou a tempestade; mas no dia seguinte o vento tinha amainado e eu comecei a reconsiderar. Todo o resto do dia permaneci silencioso, achando-me algo enjoado; ao aproximar-se a noite, o tempo limpou, o vento parou completamente e a tarde ficou encantadora; quando o sol se pôs, o firmamento não estava maculado por qualquer nuvem, e no outro dia pela manhã levantou-se também num horizonte puro. Mal se notava uma brisa fresca e suave nas águas polidas como um espelho, e o sol, que brilhava na sua superfície, oferecia aos meus olhos o espectáculo mais delicioso a que assisti.

Dormi bem toda a noite, de modo que, longe de continuar enjoado, encontrava-me agora cheio de saúde e vigor, contemplando com assombro aquele mar, poucas horas antes tão terrível e agitado, e naquele instante tão bonançoso e tranquilo. Estava eu submerso nestas ideias, quando o meu camarada, aquele que me incitara a fazer a viagem, temendo que eu persistisse em regressar ao bom caminho, se aproximou de mim e, dando-me uma pancadinha nas costas, disse:

– Ora bem, meu amigo, como te sentes? Aposto o que quiseres que esta noite passada tiveste medo, quando não houve mais do que uma pequena rajada de vento.

– Chamas a isso uma pequena rajada de vento – disse-lhe –, e foi uma verdadeira tempestade?

– Uma tempestade? – replicou-me. – És um infeliz; isso não foi nada. Nós os marinheiros não fazemos caso dessas pequenas borrascas se tivermos um bom barco e nos achamos no mar alto. Amigo, vejo que não passas de um marinheiro de água doce. Vem, preparemos um ponche, e não liguemos ao mar. Olha como o tempo está formoso!

Enfim, para abreviar este triste episódio da minha história, recorremos aos usos de todos os marinheiros: preparou-se o rum, embriaguei-me, e naquela noite de orgia quebrei todos os juramentos, olvidei todas as reflexões acerca da minha conduta passada e todas as resoluções para o porvir. É verdade que tinha alguns intervalos de reflexão, nos quais uma vez por outra os bons sentimentos, que ainda não havia perdido de todo, me recordavam os meus deveres; logo, porém, os atirava para longe de mim e procurava furtar-me a eles como a uma enfermidade. Esforçando-me por beber, e andando sempre acompanhado, em breve consegui dominar o meu frenesi, como lhe chamava, de forma que no espaço de cinco ou seis dias obtive sobre o meu espírito uma vitória completa, como poderia ansiar qualquer jovem que desejasse sufocar os seus remorsos. Mas ainda me faltava suportar uma prova, pois a Providência, como faz geralmente em tais casos, tinha resolvido deixar-me inteiramente sem desculpas. Não tendo querido reconhecer-la como salvação, o que se seguiu foi de tal ordem que mesmo o pior e o mais endurecido miserável de todos nós tinha de reconhecer o perigo e implorar misericórdia.

No sexto dia de navegação fundeámos na enseada de Yarmouth. Como o vento havia sido contrário e fraco, muito pouco avançámos depois da tempestade. Vimo-nos na necessidade de lançar a âncora no dito local, e, continuando a brisa contrário, quer dizer, do sudoeste, deteve-nos

sete ou oito dias, durante os quais muitas embarcações de Newcastle foram procurar abrigo na mesma enseada, por ser o porto comum onde os barcos podem aguardar um vento favorável para entrar no Tamisa.

Contudo, não teríamos demorado tanto a entrar na embocadura do rio se o vento não houvesse sido tão forte e se no quarto ou quinto dia não chegasse já a tornar-se violento. Mas como esta enseada passava por ser tão boa como uma baía e achando-se bem amarradas as nossas âncoras, que eram muito sólidas, os marinheiros pouco caso faziam do temporal, e tão pouca preocupação sentiam por qualquer perigo que pudesse ocorrer, que passavam o tempo a descansar e a divertir-se à maneira da gente do mar. Apesar disso, no oitavo dia pela manhã o vento aumentou, e todos metemos mãos à obra para arriar os mastaréus e manter tudo preparado e apertado para que o barco pudesse conservar-se ancorado o mais facilmente possível.

Por volta do meio-dia o mar cresceu com força, e o nosso castelo de popa mergulhava de tal modo no mar que a água atravessava e varria o convés; por uma ou duas vezes chegámos a julgar que a âncora tinha cedido. Então o comandante ordenou que largássemos a âncora mestra para impedir que o buque retrocedesse, depois de ter largado os cabos até ao fim.

Por essa altura desencadeou-se então um temporal horrível, e comecei a ver agora o terror e o estupor mesmo nos rostos dos próprios marinheiros. Embora o comandante tomasse todas as precauções necessárias para a salvação do buque, quando entrava e saía do seu camarote, ouvi-o por várias vezes excluir à minha frente:

– Senhor, tende compaixão de nós, ou morreremos todos! Estamos perdidos!

Durante estes primeiros apuros achava-me eu estendido estupidamente no camarote, que ficava na proa, e não sabia dizer qual era a situação do meu espírito. Não podia pensar sem vergonha no meu primeiro arrependimento, tão depressa esquecido pelo meu coração endurecido. Os horrores da morte, afugentados de mim, tornaram a surgir quando

ouvi aquelas palavras do comandante. Saí do camarote para ver o que se passava. Jamais espectáculo tão espantoso me ferira a vista: as ondas, como montanhas, ameaçavam envolver-nos de um momento para o outro; para qualquer parte que o meu olhar se dirigisse apenas via desolação. Duas embarcações ancoradas perto da nossa tinham-se visto forçadas a deitar abaixo os seus mastros por estarem muito carregados, e os marinheiros disseram que uma embarcação que estava a uma milha de nós acabava de soçobrar. Outros dois buques, levantando as suas âncoras, largaram sem mastros ao sabor do acaso. Os barcos ligeiros, como não ofereciam tanta resistência ao vento, suportavam melhor a borrasca; também passaram diante de nós dois ou três, que largaram apenas com uma vela desfraldada.

Ao cair da tarde o piloto e o contramestre pediram licença ao comandante para cortar o mastro do traquete, ao que ele se negou. Mas quando o contramestre lhe manifestou que, se assim não fizesse, o buque pereceria infalivelmente, consentiu. No momento em que se cortou, oscilou o mastro grande, e deu sacudidelas tão fortes que houve necessidade de cortá-lo também, ficando o convés tão raso como a palma da mão.

Deixo à consideração dos meus leitores imaginar o estado em que me encontraria, eu que nunca havia navegado e que tanto me assustara logo com o primeiro pequeno temporal. No momento em que fiquei em condições de reflectir parecia-me que a lembrança da lição que acabava de experimentar no último perigo, e o pouco caso que dela fizera para seguir a minha primeira e malvada decisão, causava-me mais espanto do que a própria morte. Estas reflexões, juntas ao medo que me inspirava a tempestade, puseram-me numa disposição de ânimo difícil de exprimir.

Apesar disso, não devíamos ver-nos já livres de sarilhos: o temporal aumentava com tal fúria que os próprios marinheiros confessaram nunca terem visto outro igual. A nossa embarcação era sólida, mas levava bastante carga e submergia-se muito na água, a tal ponto que os marinheiros gritavam constantemente que ia soçobrar. Afortunadamente, eu

ignorava então o significado da palavra «soçobrar», até me informar mais tarde. Entretanto, a borrasca era tão violenta que vi o que raras vezes se vê, isto é, que o comandante, o contramestre e alguns dos marinheiros mais razoáveis se puseram a rezar, como se aguardassem a todo o instante ver o buque ir para o fundo do mar. Para cúmulo das desditas, cerca da meia-noite, um homem que o comandante tinha mandado descer para inspeccionar o fundo do porão, gritou que havia lá um rombo por onde entrava água; um momento depois subiu outro dizendo que o porão tinha quatro pés de água. Chamaram então todos para acudir à bomba. Isto consternou-me de tal maneira que caí de costas em cima da cama, na qual estava sentado. Mas os marinheiros vieram arrancar-me à minha letargia, dizendo-me que, já que até ali não havia servido para nada, naquele momento era capaz como qualquer outro de tirar água. Levantei-me, dirigi-me para a bomba e trabalhei vigorosamente. Enquanto se passava tudo isto, o comandante, vendo alguns barcos pequenos carregados de carvão, que não podiam resistir ao temporal e se tinham visto obrigados, perante a violência do tempo, a seguir para o mar alto, parecendo-lhe que se dirigiam para nós, mandou disparar um tiro de canhão como sinal de perigo. Não compreendendo eu aquilo, fiquei tão surpreendido que julguei que o buque tinha rebentado ou que acontecera qualquer outra coisa horrível. Numa palavra, desmaiei. Como naquela altura toda a gente só se preocupava com a sua própria salvação, ninguém fez caso de mim. Apenas um marinheiro, julgando-me morto, me empurrou com o pé e tomou o meu lugar na bomba. Muito tempo depois recuperei os sentidos.

Continuámos a trabalhar, mas como a água subia cada vez mais no porão, segundo todas as aparências, o buque ia soçobrar; e embora o temporal começasse a diminuir um tanto era, porém, impossível que pudesse aguentar-se na água o tempo bastante para poder chegar ao porto mais próximo. Em vista disso, o comandante continuou a disparar tiros de canhão pedindo auxílio. Uma pequena embarcação que seguia à nossa frente arreou uma chalupa para

nos socorrer. Esta acercou-se com grande risco, parecendo-nos impossível que se aproximasse de nós ou que nós pudessemos alcançá-la. Finalmente, os remadores, fazendo um derradeiro esforço e expondo as suas vidas para salvar as nossas, conseguiram colocar-se de tal modo que pudemos lançar do lado da popa uma corda atada a uma bóia. Arrostando mil fadigas e perigos agarraram a corda, e nós, depois de a puxarmos da popa, acercámo-nos da chalupa e descemos todos para ela. Bem depressa reconhecemos que era impossível aproximarmo-nos da embarcação que nos enviara a chalupa, e logo concordámos em pôr-nos à mercê do vento, fazendo o possível por dirigir-nos para a costa. O comandante ofereceu uma indemnização pelos prejuízos que pudessem acontecer à chalupa se, por infelicidade, sofresse qualquer avaria. Depois, uns remando e outros dirigindo o rumo, encaminhámo-nos para o norte, quase por alturas de Winterton-Wess.

Pouco mais de um quarto de hora depois de ter abandonado o buque, vimo-lo soçobrar; compreendi então pela primeira vez o que os marinheiros entendem pela palavra «soçobrar».

Enquanto nos encontrávamos nesta situação e a nossa gente remava vigorosamente, fazendo todos os esforços imagináveis para nos aproximarmos de terra o mais depressa possível, pudemos ver, quando a chalupa se achava no alto das grandes ondas, uma quantidade de pessoas que corriam à margem com o objectivo de nos prestar auxílio assim que nos aproximássemos. Avançávamos, porém, com muita lentidão, e de modo algum podíamos acercar-nos até ultrapassarmos o farol Winterton, porque, para além dele, a costa, internando-se para oeste pelo lado de Cromer, punha-nos ao abrigo da violência do vento. Chegámos, não sem muitas dificuldades, a esse lugar e todos tocámos terra, afortunadamente. Daí dirigimo-nos a pé para Yarmouth, onde fomos tratados, como homens desafortunados, da forma mais hospitaleira, tanto pelas autoridades, que mandaram alojar-nos em bons quartos, como pelos comerciantes particulares e proprietários de barcos, que nos deram

dinheiro suficiente para irmos a Londres ou regressarmos a Hull, segundo melhor nos conviesse. Se tivesse pensado dirigir-me a Hull e voltar para casa de meus pais teria sido feliz, e o meu pai, a exemplo da parábola do Evangelho, teria sacrificado em minha honra a terceira cevada; porque tendo chegado ao seu conhecimento que o buque no qual eu ia embarcado naufragara na enseada de Yarmouth, tratou de, durante imenso tempo, inquirir se eu perecera.

Mas o meu destino adverso arrastava-me com força implacável e, embora vezes sem conta a razão e o juízo me gritassem muito alto que era preciso tornar à morada paterna, não podia, mesmo assim, decidir-me a isso. Não sei que nome dar a isto, nem pretendo afirmar que seja um secreto desejo aquele que nos impele a ser o instrumento da nossa própria desgraça, mesmo quando esta se ache diante de nós e para ela nos dirijamos de olhos bem abertos. Mas, verdadeiramente, era necessário que estivesse predestinado a essa desgraça certa e inevitável para tomar um partido tão directamente contrário às minhas convicções e raciocínios, e a umas lições tão visíveis como as que tinha recebido na minha primeira tentativa.

O amigo que antes contribuía para me dar ânimo, e que era filho do comandante, encontrava-se então muito mais desanimado do que eu. A primeira vez em que, depois, me falou estávamos em Yarmouth, e tal só ocorreu passados dois ou três dias, por nos acharmos hospedados em bairros diferentes. Apercebi-me de que as suas ideias haviam sofrido uma alteração notável e, movendo a cabeça com ar triste e melancólico, informou-se da minha saúde e disse ao pai quem eu era, e como havia empreendido aquela viagem sozinho, à maneira de ensaio para empresas mais importantes. O pai voltou-se então para mim numa entoação ao mesmo tempo grave e carinhosa:

– Jovem – disse-me –, não deve tornar a embarcar; tem de encarar o que se passou como um sinal seguro e visível de que não está destinado a seguir uma carreira marítima. Trate de entender bem que, se não voltar para casa, só encontrará em toda a parte onde for pesares e desgraças, até se cumprirem em si à letra os prognósticos do seu pai.

Mal lhe respondi, separando-nos logo de seguida. Nunca mais o tornei a ver, nem soube que caminho seguiu. Quanto a mim, como tinha algum dinheiro, encaminhei-me por terra para Londres. Aí, tal como durante a viagem, meditei seriamente sobre o género de vida que devia abraçar. Iria decidir-me a regressar ou a embarcar de novo?

Com respeito ao regresso a casa, uma vergonha indesculpável destruía dentro do meu espírito todo o bem que me adviria dessa resolução. Imaginava já o modo como todos me apontariam com o dedo, como coraria por aparecer não só perante os meus pais, mas também fosse de quem fosse. Muitas vezes tive ocasião de notar quão perverso e irracional é o génio dos homens e, sobretudo, o dos jovens, que em vez de se guiarem pela razão em tais circunstâncias, por um lado, não se sentem confusos das suas faltas e, por outro, se envergonham do seu arrependimento, ruborizando-se, não pelas más acções que devem fazê-los passar por insensatos ou malvados, mas pelo seu regresso ao bem, que só lhes pode fazer merecer o título de prudentes.

À minha chegada a Londres tive a sorte de cair em boas mãos, coisa que muito raramente acontece aos jovens tão estarolas e obstinados como eu, não tardando o espírito maligno a armar uma porção de laços à sua inexperiência. A primeira pessoa com quem travei conhecimento foi um comandante de buque que acabava de chegar da Guiné e que, tendo tido muita sorte naquelas costas, havia resolvido lá tornar. A minha conversa agradou tanto ao dito comandante (porque naquele tempo não precisava de originalidade), que me propôs que embarcasse com ele, pois tinha-me ouvido dizer que sentia desejos vivíssimos de ver o mundo. Esclareceu-me ao mesmo tempo que não teria de fazer qualquer espécie de despesas; que comeria com ele e seria o seu companheiro inseparável; que se quisesse levar alguma coisa para negociar, talvez o ganho que obtivesse ultrapassasse as minhas esperanças.

Aceitei a proposta e entabulando uma íntima amizade com o comandante, que era um homem franco e honrado,

consenti em seguir com ele para a Guiné. Arrisquei uma pequena importância que aumentou com a maior rapidez, graças à probidade e desinteresse do meu novo amigo. Ascendia toda ela a quarenta libras esterlinas, que empreguei em quinquilharias, segundo me aconselhara o comandante. Conseguira juntar este dinheiro com a ajuda dos meus parentes, que tinham trocado correspondência comigo, e sempre acreditei que haviam conquistado os meus pais para que contribuíssem com esta soma para o meu primeiro negócio.

Posso garantir desde já que, de todas as minhas viagens, foi esta a mais feliz, tudo se devendo à boa fé e à generosidade do meu bom amigo comandante. Entre as vantagens que obtive com o seu conhecimento, uma delas foi aprender regularmente as matemáticas e as regras da navegação, conhecer de uma maneira exacta a marcha de um buque, fazer observações geográficas para averiguar onde se encontra a embarcação, saber, enfim, tudo o que um marítimo não deve ignorar. E como o comandante se comprazia tanto em ensinar-me como eu em aprender, cheguei a transformar-me, ao mesmo tempo, num marinheiro e num comerciante. Trouxe da Guiné cinco libras e nove onças¹ de oiro em pó, o qual me valeu em Londres cerca de trezentas libras esterlinas. Tal fortuna inspirou-me projectos muito largos, os quais depois causaram a minha ruína total.

Apesar disso, esta viagem teve para mim alguns inconvenientes também; sobretudo porque caí enfermo e estive durante algum tempo devorado por uma febre ardente, motivada pelo rigor do clima, pois o nosso principal comércio fazia-se perto dos 15° de latitude setentrional, junto da própria linha. Por último, tinha chegado a ser já um comer-

¹ São feitas, ao longo desta obra, referências a diversas medidas, inglesas e antigas quase todas. Para quem desejar saber as respectivas equivalências em relação ao sistema métrico, aqui as tem, por ordem alfabética: *arroba* (14,68966 kg), *barril* (163,655 l), *braça* (1,828 m), *celamim* (0,431 l), *fanga* (145,08 l), *légua* (4,828 km), *libra* (453,586 g), milha (náutica: 1853,18 m; terrestre: 1609,344 m), *onça* (28,413 g), *pé* (30,48 cm), *pipa* (572,770 l), *po-legada* (25,399 mm), *quartilho* (1,1359 l), *tonel* (1145,540 l), *vara* (5,0291 m). (*N. do T.*)

ciante da Guiné; mas, por desgraça, tendo morrido o meu bom amigo comandante do buquê poucos dias após o nosso regresso, decidi voltar a fazer outra viagem no mesmo barco com o oficial que no ano anterior era piloto e agora ia comandá-lo. É impossível imaginar navegação mais desgraçada, pois, embora não tenha perdido todo o produto dos meus lucros, porque não havia levado mais do que cem libras esterlinas, deixando as duzentas restantes em poder da viúva do comandante, que guardou fielmente esse depósito, experimentei, apesar de tudo, os mais terríveis infortúnios. Navegando para as ilhas Canárias ou, melhor dizendo, entre estas ilhas e as costas de África, fomos surpreendidos ao amanhecer por um corsário turco de Salem, que vinha a dar-nos caça a todo o pano. Pela nossa parte, oferecemos ao vento todas as velas que levávamos, com o intuito de nos salvarmos; mas vendo que ele nos ia alcançar, preparámo-nos para lhe fazer frente. Contávamos a bordo com doze canhões; o pirata possuía dezoito. Às três da tarde chegou a pôr-se em posição de tiro, começando o ataque por meio de uma falsa manobra porque, em vez de nos fazer fogo pela popa, como parecia ser propósito seu, atirou-nos uma descarga apanhando-nos o costado. Então assestámo-lhe oito dos nossos canhões pelo mesmo lado e, fazendo-os descarregar ao mesmo tempo, fizemo-lo retroceder, mas unicamente depois de nos ter respondido do mesmo modo, acrescentando ainda um fogo nutrido de fuzilaria feito por duzentos homens que tinha a bordo. Apesar disso os nossos marinheiros achavam-se a coberto, e não feriu nenhum. Então o pirata preparou-se para renovar o combate, e nós dispusemo-nos para a defesa. Acercando-se pelo costado esquerdo, lançou-nos à abordagem pelo lado do castelo de popa sessenta homens, os quais manejavam com a maior destreza o machado, talhando e cortando mastros e cordas. Recebemo-los vigorosamente com um fogo apoiado, dando-lhes algumas cargas à baioneta, e por duas vezes conseguimos rechaçá-los do nosso convés. Por último, para abreviar, acrescentarei que o nosso buquê ficou inteiramente desmantelado, sendo mortos três dos nossos e outros três

feridos, de modo que nos vimos obrigados a render-nos, e os vencedores conduziram-nos para Salem, porto que pertence aos mouros.

O tratamento que recebi neste cativo não foi tão terrível como a princípio receara. Não fui conduzido com os demais para o local em que o imperador tem a sua residência, mas o comandante pirata ficou comigo, como parte da sua presa, e fez-me seu escravo, pois eu era jovem e ágil e, por conseguinte, adequado para o seu serviço particular.

Como o meu novo patrão ou amo me tinha conduzido para a sua casa, conservava a esperança de que me levasse consigo nas suas excursões pelo mar e de que, mais tarde ou mais cedo, seria apresado por algum buque espanhol ou português. Depressa perdi esta esperança porque, quando embarcava, deixava-me em terra a fim de cuidar do jardim e fazer o serviço correspondente aos escravos da casa; no regresso mandava-me deitar no seu camarote para guardar a embarcação.

Quando ia ficar a bordo só pensava nos meios de poder fugir; mas não me ocorria nenhum que pudesse ter êxito favorável. Por outro lado, não tinha ninguém a quem pudesse comunicar os meus planos e que quisesse embarcar comigo; de modo que passei dois anos a imaginar uma porção de projectos de evasão, dos quais nenhum me ofereceu segurança suficiente para pô-lo em prática.

Ao fim de dois anos apresentou-se-me uma ocasião bastante singular, que me reforçou a ideia, concebida há muito tempo atrás, de recuperar a liberdade. Como o meu amo ficava mais tempo em terra do que era costume, sem utilizar o buque (sem dúvida por falta de dinheiro, segundo cheguei a compreender), saía duas ou três vezes por semana, sobretudo quando o tempo estava formoso, para ir pescar na enseada com a sua lancha. Nessas alturas levava-me com ele, juntamente com um jovem chamado Maresco, para remarmos. Ambos lhe dávamos muita satisfação naquelas partidas, eu principalmente porque era muito destro a pescar. Enfim, às vezes ficava tão contente que me mandava, com um mouro seu parente e o jovem Maresco, buscar-lhe um prato de peixe.

Aconteceu certa vez que, tendo ido pescar numa manhã de grande calmaria, levantou-se de súbito um nevoeiro tão espesso que nos fez perder de vista a terra, embora não nos tivéssemos afastado mais de meia légua da costa. Pusemo-nos a remar ao acaso, e trabalhámos assim durante todo o dia e toda a noite seguintes, sem saber o rumo que seguíamos; e qual não foi a nossa surpresa quando, no outro dia, nos encontramos no mar alto! Em vez de nos aproximarmos da costa, havíamos-nos separado duas léguas pelo menos. Mesmo assim, voltámos para terra, não sem trabalho e algum perigo, porque o vento começava a soprar com força pela manhã e estávamos desfalecidos devido à fome.

Este acontecimento tornou o nosso dono mais cauteloso de futuro. Resolveu servir-se depois da chalupa do buque inglês que tinha apresado e não voltar à pesca sem uma bússola e algumas provisões. Ordenou ao seu carpinteiro, que também era um escravo inglês, que construísse no centro da chalupa um camarote parecido com o de uma barcaça, deixando atrás o espaço suficiente para dirigir o leme e estender a vela por baixo, a fim de poder tomar vento, e à frente o intervalo bastante para colocar duas ou três pessoas e poder manobrar.

O meu amo saía frequentemente para a pesca com aquela chalupa, e como eu era muito manhoso na apanha do peixe, jamais ia sem mim. Um dia preparou uma saída com dois ou três mouros de alguma distinção para irem com o seu bote a fim de pescarem e divertirem-se. Fez preparativos extraordinários, ordenando que na véspera fossem embarcadas mais provisões do que era costume, e ordenou-me também que as três escopetas estivessem limpas, com a pólvora e o chumbo correspondentes que havia a bordo, pois tinham pensado caçar e pescar.

Preparei tudo conforme os seus desejos, e no dia seguinte aguardava-o na chalupa, perfeitamente limpa, lavada e enfeitada – digna, numa palavra, de receber aqueles hóspedes –, quando vi o meu amo que vinha só para me dizer que os seus convidados tinham adiado a partida para outra altura devido a certos negócios. Mandou-me ao mesmo

tempo sair com a chalupa, acompanhado, como de costume, pelo mouro e pelo jovem escravo, para lhe arranjar pescado, porque os seus amigos deviam cear com ele, acrescentando que nos apressássemos a regressar assim que tivéssemos apanhado alguma coisa; preparei-me, portanto, para seguir aquelas instruções.

Esta circunstância despertou os meus projectos de fuga, pois reflecti que me achava em condições de ter uma chalupa sob as minhas ordens; e, logo que o meu amo se retirou, comecei a preparar-me não para uma pesca, mas para uma viagem, sem ainda saber que rota seguir, porquanto, de qualquer modo, sair daquele sítio seria o meu verdadeiro caminho.

O primeiro passo que dei foi pedir ao mouro que nos arranjasse comida para o tempo que estivéssemos a bordo, dizendo-lhe que não devíamos contar com o pão do nosso amo. Respondeu que era verdade e foi de seguida buscar uma grande cesta com bolachas e três tonéis de água fresca. Eu sabia o sítio em que se encontrava a arca que continha os licores do meu amo, cuja construção atestava que provinha de uma presa inglesa. Enquanto o mouro foi a terra, tirei as garrafas e transportei-as para a chalupa, como se tivessem sido embarcadas antes, para uso do nosso dono. Levei também um grande pedaço de cera que pesava mais de cinquenta libras, um pacote de cordéis, um machado, uma serra e um martelo; coisas que me foram depois sumamente úteis, sobretudo a massa de cera, com a qual fiz velas. A seguir armei ao meu homem uma armadilha na qual caiu com a melhor das intenções. Chamava-se Ismael, ou melhor, Muley ou Moley, segundo a alteração que sofre naquele país.

– Muley – disse-lhe –, nós temos aqui as escopetas do nosso amo. Não poderias arranjar-nos um pouco de pólvora e chumbo? Talvez tenhamos ocasião de matar por nossa conta algumas aves marinhas. Sei que o amo deixou a bordo do buque as provisões da *Santa Bárbara*.

– É verdade – respondeu-me –, vou buscá-las.

Depressa voltou com duas bolsas de coiro, uma muito grande, com mais de uma libra e meia de pólvora, a outra

cheia de chumbos e algumas balas, a qual pesava cinco ou seis libras. Colocámos tudo a bordo. Pela minha parte, também havia encontrado pólvora no camarote do comandante e tinha enchido uma das grandes garrafas tiradas da arca, depois de haver esvaziado o resto do licor noutra que encontrei. Provido assim de tudo quanto era necessário, fizemo-nos à vela e saímos do porto para ir pescar. Os que estavam de observação no castelo à entrada do porto, como sabiam quem nós éramos, deixaram-nos passar, e quando já tínhamos percorrido uma milha no alto mar amainámos a vela e preparámo-nos para a pesca. O vento, que soprava do NNE, contrariava os meus projectos porque, se tivesse vindo do lado sul, teria ficado certo de alcançar as costas de Espanha e de chegar, pelo menos, à baía de Cádiz. Mas, viesse o vento de onde viesse, tinha resolvido abandonar aquela terra horrível e encomendar o resto ao destino.

Depois de pescar durante algum tempo sem qualquer fruto, porque quando sentia algum peixe picar o meu anzol não o puxava, receoso de que o mouro o visse, disse a este último:

– Aqui não conseguimos nada de jeito, e o nosso amo vai julgar que o servimos mal; é preciso afastarmo-nos um pouco mais.

Não suspeitando o mouro nada de mau, e achando-se na proa da chalupa, largou a vela e, como eu tinha o leme, conduzi a embarcação até umas léguas mais além, fingindo querer pescar; mas de súbito, entregando o leme ao rapaz e fingindo baixar-me para apanhar qualquer coisa atrás dele, agarrei-lhe de surpresa as pernas e atirei-o ao mar. Pouco demorou a aparecer à tona de água, porque nadava muito bem; então chamou-me e suplicou-me que o recebesse a bordo, dizendo-me que me seguiria até ao fim do mundo se eu quisesse. Nadava com tanto vigor, e o vento era tão fraco, que ia alcançar a chalupa dentro em breve. Em vista disso, corri ao camarote, apanhei uma das escopetas e, apontando-lha, disse-lhe que não lhe tinha causado dano, e que não lhe faria nenhum mal se se mantivesse quieto.

– Sabe nadar – disse-lhe –, o bastante para chegar a terra, e o mar está calmo; aproveite esta calma para se dirigir

para a costa, e desse modo nada terá a recear; mas se se aproximar mais disparo-lhe um tiro em cima, porque estou decidido a recuperar a liberdade.

Perante estas palavras voltou-se e pôs-se a nadar para a costa; era um excelente nadador e chegaria, sem dúvida, a terra sem qualquer contratempo.

Teria preferido ficar com o mouro e ter atirado à água o rapaz, mas não podia arriscar-me a confiar naquele. Assim que se afastou virei-me para o rapaz, que se chamava Xuri, e disse-lhe:

– Xuri, se quiseres ser-me fiel farei de ti um grande homem; mas se não quiseres fazer um golpe na cara para me seres fiel (quer dizer, jurar por Maorné e pelas barbas do seu pai), ver-me-ei obrigado a também te atirar ao mar.

O rapaz mirou-me a sorrir, e falou-me tão inocentemente que não pude desconfiar mais dele; a seguir jurou-me fidelidade, e disse-me que me acompanharia a toda a parte.

Estive de proa ao mar até ter perdido de vista o mouro que nadava, preferindo ir contra o vento para lhe fazer crer que me dirigia para o estreito. De facto, não é possível imaginar que um homem com algum juízo pudesse empreender outra rota, nem que tomasse rumo ao sul (como o verifiquei) para regiões de bárbaros ou de povoações de negros que podiam cercar-nos com as suas canoas, apoderar-se de nós e degolar-nos ou, por outro lado, não poder saltar em terra sem nos expormos a ser devorados por animais ferozes ou por homens selvagens, mais cruéis do que as próprias feras.

Pela tarde, na altura em que o sol começou a declinar, mudei de rumo: apontei a proa a sudeste, inclinando-me um pouco para leste a fim de não me separar demasiadamente da costa. O vento era favorável, e o mar conservava-se tranquilo e sereno, de forma que avançámos tanto que às três da tarde do dia seguinte pareceu-me que nos encontrávamos a cinquenta milhas a sul de Salem, no outro lado dos estados do imperador de Marrocos ou de qualquer outro soberano, porque não avistávamos absolutamente ninguém.

Apesar disso, receava tanto cair em poder dos mouros que não quis parar, nem descer a terra, nem ancorar em parte alguma. Prosegui, pois, o meu caminho durante os cinco dias completos que durou o vento favorável; ao cabo dos quais mudou e se tornou do sul; reflecti então que, se me seguiam, não poderiam dar-me caça e, por isso, aventurei acercar-me da praia, e lancei, pois, a âncora na desembocadura de um pequeno rio, cujo nome, situação e latitude, país ou povoado ignorava. Não vi nem desejava ver homem algum; só precisava era de água fresca.

Ao cair da tarde tratei de ir a terra a nado para reconhecer a região logo que escurecesse. Mas quando a noite chegou ouvimos um ruído tão espantoso, causado pelos uivos e rugidos de animais ferozes, cuja espécie desconhecíamos, que o pobre rapaz julgou morrer de medo, e suplicou-me vivamente que não desembarcasse antes do nascer do dia.

– Bem vejo que agora não posso desembarcar; mas chegado o dia também poderemos ver homens, que serão tão temíveis para nós como esses leões.

– Então – replicou, rindo-se –, pregamos-lhes um tiro.

Tudo isto era-me dito por Xuri num inglês mascavado, o qual aprendera com os ingleses que tinham sido escravos juntamente com ele. Agradou-me a sua coragem e, para mais a fortificar, dei-lhe um pequeno copo de licor que tirei do armário do meu amo. No fim de contas a ideia de Xuri não era má e, portanto, dispus-me a segui-la. Lançámos a nossa pequena âncora e permanecemos quietos toda a noite. Mas não estávamos tranquilos, pois durante as duas ou três primeiras horas pudemos avistar uns animais de um tamanho monstruoso e de diversas espécies, aos quais não sabíamos que nome aplicar, que vinham à praia e corriam para a água, onde se reboavam, dando rugidos tão horrosos que jamais ouvi outros que com eles se parecessem.

Xuri estava extremamente assustado e eu, a falar verdade, não me sentia muito tranquilo. Mas ainda mais nos assustámos os dois quando vimos que um desses enormes animais vinha a nadar na direcção do nosso barco. Não podíamos vê-lo, mas conhecemos pelo seu rugido que era

uma fera monstruosamente grande e terrível. Xuri dizia que era um leão e, efectivamente, podia muito bem sê-lo. O pobre rapaz suplicava-me que levantássemos a âncora e que fugíssemos à força de remos.

– Não é necessário – respondi-lhe –; basta largar o cabo com uma bóia e sair para o mar; o animal não poderá seguir-nos durante muito tempo.

Mal havia acabado de pronunciar estas palavras quando dei pela fera a duas varas da chalupa. Ao princípio assustado, tive depois a presença de espírito suficiente para pegar na escopeta do camarote e descarregá-la sobre o monstro, o qual imediatamente retrocedeu e se apressou a alcançar a praia nadando.

Torna-se impossível dar uma ideia dos gritos e uivos espantosos que ouvimos, tanto na margem como já terra adentro, ao ruído e explosão do tiro. Segundo todas as aparências era a primeira vez que ecoavam nos ouvidos daqueles animais. Vi, no entanto, que seria uma loucura arriscar-me a desembarcar naquele sítio durante a noite. E continuava a ser uma dificuldade saltar a terra de dia, pois cair nas mãos dos selvagens teria sido tão mau como cair nas garras dos leões e tigres; pelo menos, tínhamos tanto medo de uns como de outros.

De qualquer maneira víamo-nos precisados de desembarcar em qualquer parte para fazer aguada, pois não tínhamos um único quartilho de água. Mas que altura e lugar escolher para isso? Essa é que era a dificuldade. Xuri disse-me que, se eu quisesse, iria a terra à procura de água; que faria todos os esforços possíveis para encontrá-la e, em caso dela existir, a iria trazer de seguida. Perguntei-lhe por que é que desejava ir; se não era melhor ir antes eu próprio e ficar ele a bordo. O rapaz respondeu-me de um modo tão afectuoso que dali em diante passei a gostar dele entranhadamente.

– É que – disse –, se aparecerem os homens selvagens comem-me a mim, e o senhor salva-se.

– Bem, Xuri – respondi-lhe –, então iremos os dois. Se os selvagens aparecerem, havemos de os matar e nenhum de nós lhes servirá de presa.

Dei-lhe um pedaço de bolacha e fi-lo beber um copinho de licor. Dirigi em seguida a chalupa para a parte da costa que nos pareceu mais indicada e saltámos em terra, levando apenas as nossas armas e dois tonéis para a água.

Não me atrevia a perder de vista a chalupa, com medo de que os selvagens descessem o rio nas suas canoas. Entretanto, o rapaz descobriu um terreno mais baixo, situado a distância de uma milha terra adentro, e para ele se encaminhou. Pouco tempo depois vi-o aparecer a correr com todas as suas forças. Pensei que o perseguisse alguma fera ou algum selvagem, e logo me lancei em corrida para socorrê-lo. Mas quando cheguei mais perto dele percebi que trazia qualquer coisa às costas; era um animal que tinha caçado, muito parecido com a lebre, mas com a diferença de ser de outra cor e ter patas mais compridas.

Aquela caça deu-nos uma grande alegria e achámos a carne muito saborosa; mas o que regozijava o meu pobre Xuri era o prazer de me anunciar que havia encontrado água sem ter visto selvagens.

A seguir compreendemos que não era preciso termos tanto trabalho para obter água, porque a maré subia muito pouco no rio e quando estava baixa a água era doce um pouco além da embocadura. Enchemos, pois, os nossos tonéis, regalámo-nos com a lebre que Xuri tinha caçado, e preparámo-nos para tornar a prosseguir a nossa rota, sem havermos notado na região qualquer vestígio de criatura humana.

Como eu já antes navegara por aquela costa, sabia muito bem que as ilhas Canárias e as de Cabo Verde não deviam ficar muito longe. Mas como carecia de instrumentos apropriados para nos indicar a latitude e, por outro lado, não me recordava do local em que aquelas ilhas se encontravam, não sabia por onde ir procurá-las, nem que rota tomar para chegar a descobri-las. Sem todos estes obstáculos teria podido seguir para um daqueles pontos. Resignei-me, pois, a costear para ver se encontrávamos algum buque mercante e conseguíamos que o comandante nos salvasse daquela situação.

Os cálculos mais exactos que pude fazer foram os de que nos encontrávamos então numa região situada entre as terras do imperador de Marrocos, por um lado, e a África, por outro; zona inteiramente deserta, e apenas povoada por animais ferozes. Noutros tempos houvera naquelas paragens uma multidão de negros, que as tinham abandonado depois, retirando-se mais para a costa sul com medo dos mouros; estes, por sua vez, permaneceram pouco tempo por causa da esterilidade do terreno; mas eu creio que uns e outros emigraram devido à quantidade inumerável de tigres, leões e leopardos que infestam aqueles sítios. Acontece apenas que os mouros ainda vão caçar às vezes em número de dois ou três mil homens. Numa extensão de cerca de cem milhas distinguimos só vastos desertos durante o dia, e só uivos e rugidos durante a noite.

Mais de uma vez julguei ver o pico da ilha de Tenerife, uma das Canárias, e sentia grande desejo de me meter pelo mar alto, com a esperança de alcançá-la. Por duas vezes tentei fazê-lo mas os ventos contrários e o mar, demasiadamente agitado para o meu pequeno barco, forçaram-me a retroceder. Depois de abandonar estas paragens, vimo-nos precisados de desembocar diversas vezes para nos abastecermos de água. Um dia, entre outros, calhámos a ancorar debaixo de uma pequena ponta bastante elevada, onde, enquanto a maré subia, aguardámos que ela mesma nos levasse mais para diante. Pouco depois, Xuri, que tinha os olhos mais perspicazes do que eu, chamando-me em voz baixa, disse-me que seria muito melhor afastarmo-nos dali quanto antes.

– Não vê – acrescentou – aquele terrível monstro que dorme estendido na vertente da colina?

Dirigi o olhar para onde me indicava e vi, de facto, um animal terrível; um leão enorme deitado na vertente da costa, à sombra de uma rocha que pendia um pouco sobre ele.

– Xuri – disse-lhe –, vai a terra e mata-o!

Xuri fitou-me assustado e retorquiu:

– Eu matá-lo?! Ele engolia-me logo de uma vez só! Então, fazendo-lhe gestos para que ficasse quieto, peguei na

nossa escopeta maior, cujo calibre era quase como o de um mosquete, e depois de tê-la carregado com muita pólvora e dois pedaços de chumbo, deixei-a para pegar numa segunda, que carreguei com duas balas e, finalmente, na terceira (porque tínhamos três escopetas), na qual pus cinco balas mais pequenas. A seguir, tornando a pegar na primeira que havia carregado, apontei à cabeça do animal mas, como ele estava deitado de forma que uma das patas lhe cobria o focinho, as balas foram parar ao lado do joelho e quebraram-lhe o osso da pata. Levantou-se de imediato; sentindo, porém, a pata partida, caiu, e tornou a levantar-se rugindo de um modo espantoso. Um pouco surpreendido por não lhe ter acertado na cabeça, peguei imediatamente na segunda escopeta, e embora o animal começasse a mover-se para fugir, atirei-lhe outra vez, em cheio, na cabeça. Então tive o prazer de vê-lo cair quase sem vida, lutando com a agonia. Ao ver isto, Xuri recuperou a coragem e rogou-me que o deixasse ir a terra. Como lho permiti arrojou-se à água sem titubear, levando numa mão uma pequena escopeta, e nadando com a outra; chegou à margem, acercou-se do animal e, disparando à queima-roupa, matou-o instantaneamente.

Aquela caça era uma diversão para nós, mas não aumentou as nossas provisões; lastimava ter perdido três cargas de pólvora e chumbo por causa de um animal que não podia servir-nos para nada. Xuri quis pedir-me uma coisa: veio a bordo e suplicou-me que lhe desse o machado. Perguntei-lhe o que pretendia fazer.

– Cortar-lhe a cabeça – respondeu-me.

Mas tal empresa era superior às suas forças, e contentou-se em cortar-lhe uma pata monstruosamente grande e em trazer-ma.

Depois calculei que a pele do leão poderia ter algum valor e resolvi esfolá-lo, se pudesse. Metemos logo mãos à obra. Xuri foi o meu mestre naquele trabalho, porque eu não sabia como fazê-lo. Uma tal operação ocupou-nos o dia inteiro mas, por fim, conseguimos tirar a pele e estendêmo-la sobre o nosso camarote, onde o sol a secou em dois dias; depois serviu para eu me deitar em cima.

Abandonando aquele lugar, fizemo-nos à vela em direcção ao sul durante dez ou doze dias, economizando as provisões, que começavam a escassear, e só descendo a terra para ir buscar água. O meu propósito era então dirigir-me para o Senegal, isto é, chegar às alturas de Cabo Verde, onde esperava encontrar algum buque europeu. Se as minhas esperanças saíssem erradas não sabia que rota seguir, a não ser tentar chegar às Ilhas, ou então entregar-me à mercê dos negros; além disso, sabia que os buques que partem da Europa para a Guiné, Brasil ou Índias Orientais tocam no Cabo ou nas suas Ilhas. Encontrava-me, pois, na terrível alternativa de encontrar algum buque ou perecer.

Já deixei dito que, tendo seguido esta rota durante dez dias, comecei a reconhecer que a costa estava habitada e, em dois ou três sítios distingui gente que se aproximava da margem para nos ver passar. Pudemos observar ao mesmo tempo que eram negros e que estavam completamente nus. Uma vez senti desejos de desembarcar e assim fiz, apesar dos rogos do meu bom conselheiro Xuri. Remámos, pois, para terra, a fim de lhes podermos falar, e os selvagens desataram a correr ao longo da margem. Vi que não possuíam qualquer espécie de armas excepto um deles, que levava um pequeno bastão, Xuri disse-me que aquele bastão era uma lança que arremessavam muito longe com grande destreza. Em consequência disto, detive-me a uma distância respeitosa, e pedi-lhes através de sinais que me dessem algo para comer. Responderam-me, também por sinais, que esperasse porque iam buscar. Naquele ponto fiz alto e amainei uma vela; dois deles dirigiram-se terra adentro, aparecendo ao fim de meia hora com dois pedaços de carne seca e grão da terra. Ainda que ignorássemos que espécie de carne ou de grão eram aqueles, dispusemo-nos, mesmo assim, a aceitar as provisões. Faltava-nos apenas saber como poderíamos tomar posse daqueles objectos, porque eu não estava disposto a ir a terra recebê-los, e os selvagens tinham muito medo de nós. Mas eles adoptaram uma medida de segurança mútua: deixaram na margem o que tinham para nos dar e depois retiraram-se, assim permanecendo até ter-

mos transportado as provisões para bordo; depois disso voltaram para a praia como antes.

Nada tendo para lhes dar como recompensa, manifestei-lhes a minha gratidão por meio de sinais de agradecimento; mas logo se proporcionou ocasião para lhes prestar um serviço especial. Encontrando-nos muito perto de terra, avistámos dois animais enormes que desciam a correr do alto de um monte para a praia. Pareciam perseguir-se um ao outro com muito ardor. Era o macho que corria atrás da fêmea? Aquilo era um rapto de amor ou de fúria? Isso é que não podíamos discernir, mas senti-me mais inclinado a crer que fosse o segundo caso porque aqueles ferozes animais só se deixam ver de noite e, além disso, aquela gente, em especial as mulheres, haviam-se assustado extraordinariamente. Apenas ficou o homem que levava o dardo ou lança na mão; os demais fugiram todos. De qualquer modo, aqueles monstros, longe de se dirigirem para os negros, correram direitos ao mar, mergulharam na água e puseram-se a nadar, ora para um lado ora para outro, como se estivessem a brincar. Um deles encaminhou-se para onde nós estávamos e acercou-se mais do que eu esperava, embora estivesse prevenido. Havia, de facto, carregado a escopeta com a maior prontidão e ordenado a Xuri que carregasse as outras duas. No momento em que a fera ficou ao alcance de tiro descarreguei a escopeta sobre ela e acertei-lhe na cabeça. Começou por submergir-se e depois voltou a sair, fazendo mil esforços vigorosos, sumindo-se e aparecendo de vez em quando. Finalmente, arrastou-se para a margem, morrendo quando a alcançou, quer da ferida, que devia ser mortal, quer afogada pela própria água.

O espanto que causou o ruído do tiro àquela pobre gente nem imaginar se pode: alguns julgaram morrer de medo e caíram de costas; mas assim que viram que o animal morrera, que desaparecera no fundo do mar, e que eu os instava a regressar à praia, animaram-se, aproximaram-se e puseram-se a procurar a fera. Os sinais de sangue que se viam na água fizeram com que eu a descobrisse e, por intermédio de uma corda que lhe tinha passado em redor do corpo

e que lhes atirei para que puxassem por ela, num instante a tiraram da água: era um leopardo dos mais raros, com formosas pintas e de uma beleza admirável. Os negros, não podendo adivinhar de que modo eu me arranjava para o matar, ergueram as mãos ao céu para manifestarem a sua surpresa.

O outro animal, assustado sem dúvida com o fogo que vira e a explosão que ouvira, apressou-se a alcançar a margem, fugindo para os montes de onde ambos tinham vindo, sem que eu pudesse aperceber-me, devido à muita distância a que me encontrava dele, da espécie a que pertencia.

Notei que os negros sentiam vontade de comer a carne do leopardo, e como eu desejava atraí-los, indiquei-lhes por sinais que podiam ficar com ele. Depois de me haverem agradecido por meio de gestos muito expressivos, atiraram-se a ele e, embora não dispusessem de uma faca, despedaçaram, mesmo assim, o animal com um pedaço de madeira muito aguçado, do mesmo modo que nós o teríamos podido fazer com a melhor faca. Ofereceram-me uma parte mas recusei-a, dando-lhes a entender que estava sumamente satisfeito por lhes ter feito aquele presente, com a condição de que me reservassem a pele. Logo me mandaram, juntando uma grande quantidade das suas provisões, as quais aceitei, embora me fossem desconhecidas. Depois disse-lhes por sinais que necessitava de água, mostrando-lhes uma das minhas pipas ou tonéis, pondo-a voltada para baixo a fim de lhes fazer ver que estava vazia e que desejava que a enchessem. Chamaram logo um dos seus e, em breve, vieram duas mulheres, as quais traziam uma grande vasilha de barro que parecia cozida ao sol. Puseram-na na areia e retiraram-se; o mesmo fizeram os que nos tinham trazido as provisões. As mulheres estavam completamente nuas, tal como os homens.

Achava-me agora fornecido de raízes, trigo bastante regular e água. Com estas provisões despedi-me dos meus amigos negros, fiz-me à vela e continuei a minha rota durante uns onze dias sem que se oferecesse qualquer motivo para me acercar da costa, até que divisei, quatro ou cinco

léguas à minha frente, uma grande extensão de terra que se prolongava ao longe. Como estava uma grande calmaria, tratei de dobrar aquele promontório. Realizado isso, e achando-me a duas léguas da costa, descobri umas terras que se desenhavam no horizonte. De tudo isto tirei a conclusão de que tinha de um lado o Cabo Verde e do outro as ilhas que usam o seu nome. Mesmo assim, aquelas terras ficavam a grande distância e eu ignorava para qual lado emprender o caminho, pois se fosse surpreendido por uma borrasca não podia chegar a nenhum dos ditos pontos.

Metido nesta perplexidade, entrei pensativo no camarote, deixando Xuri ocupado com o leme. Mal me havia sentado, quando ouvi o rapaz gritar:

– Senhor, senhor, um barco à vela!

Parecia estar fora de si e vivamente assustado, porque imaginava que era um buque enviado pelo seu amo em nossa perseguição; mas eu estava seguro de que por aquele lado nada tínhamos a recear, pois encontrávamo-nos muito longe do seu alcance. Saí precipitadamente do camarote, e assim que vi a embarcação reconheci que era portuguesa. A princípio tomei-a por uma daquelas que fazem o tráfico de negros na costa da Guiné, mas logo que observei a rota que seguia convenci-me de que não era aquele o seu destino, e que não procurava aproximar-se mais de terra. Em vista disso, tentei à força de velas e remos dirigir-me para o mar alto, a fim de lhe falar.

Mas apesar de meter mãos à obra, bem depressa vi que o buque desaparecia, sem que me fosse possível fazer-lhe qualquer sinal. Quando eu, desfraldadas todas as velas, começava a perder a esperança de lhe atrair a atenção, pareceu que eles, com a ajuda do óculo, avistaram o meu barco e tomaram-no por uma chalupa de um navio europeu que, sem dúvida, havia naufragado. Reduziram logo as velas e eu, animado com isto, peguei numa bandeira berberesca que havia no meu barco, icei-a em sinal de socorro e descarreguei o meu fuzil. Os do buque notaram muito bem os meus sinais, porque logo me disseram que não tinham

ouvido o tiro mas que tinham visto o fumo. Graças aos ditos sinais puseram-se ao pairo, e três horas depois estávamos reunidos.

Perguntaram-me quem eu era em português, espanhol e francês; mas eu não entendia nenhuma das três línguas. Por fim, um marinheiro escocês que estava a bordo dirigiu-me a palavra; respondi-lhe que era um inglês que me tinha escapado à escravidão dos mouros de Salem. Convidaram-me então a subir para bordo, recebendo-me, com tudo quanto me pertencia, da maneira mais amistosa.

